

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SIMONE VIEIRA LIMA KLUWE

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM PATRIMÔNIO A SERVIÇO DA
FORMAÇÃO DE LEITORES E DO FORTALECIMENTO DE
VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE PROFESSOR/ALUNO NAS SÉRIES
INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso

**Bagé
2011**

SIMONE VIEIRA LIMA KLUWE

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM PATRIMÔNIO A SERVIÇO DA
FORMAÇÃO DE LEITORES E DO FORTALECIMENTO DE
VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE PROFESSOR/ALUNO NAS SÉRIES
INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a. Vera Lúcia Medeiros

**Bagé
2011**

SIMONE VIEIRA LIMA KLUWE

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM PATRIMÔNIO A SERVIÇO DA
FORMAÇÃO DE LEITORES E DO FORTALECIMENTO DE
VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE PROFESSOR/ALUNO NAS SÉRIES
INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Área de Concentração: Literatura

Monografia defendida e aprovada em: 06/07/2011

Banca examinadora:

Prof. Dr. Vera Lúcia Cardoso Medeiros
Orientadora
Letras – UNIPAMPA

Prof. Dr. Amélia Rota Borges de Bastos
Letras – UNIPAMPA

Prof. Dr. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Letras – UNIPAMPA

Com todo o meu amor, aos meus adorados filhos: Lauro, meu orgulho; Juliana, que com sua presença luminosa, preenche minha vida de alegria; e Carlos Eduardo, meu “Pequeno Príncipe”. Por vocês, eu daria a minha vida...

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida, pela saúde e pela coragem de ter enfrentado este desafio e ter chegado até aqui.

Ao Dedé (in memoriam), meu avô querido, que foi o meu primeiro contador de histórias, e de quem lembrei a cada minuto enquanto escrevia este trabalho.

Agradeço a meu pai, Ernesto, pelo incentivo e por acreditar na minha capacidade, bem como por partilhar comigo minhas angústias e preocupações durante a graduação. Que nosso amor pela leitura e pela escrita possa continuar sempre presente em nossas conversas.

À minha mãe, Ione, que como mãe e avó, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, foi apoio importante na minha caminhada.

A Neisa Vasconcellos, minha segunda mãe, pessoa que eu amo e que foi quem mais me incentivou a fazer este curso e quem me deu força pra continuar, mesmo quando isto parecia impossível.

Ao meu marido, Carlos, agradeço pela torcida, pelos elogios e estímulo, tão importantes nos momentos difíceis.

À inesquecível professora Dr^a. Miriam Denise Kelm, mestra que se eternizou na minha memória por suas aulas sempre tão apaixonantes e por sua doçura e sensibilidade.

A Ana Carolina, minha primeira amiga na faculdade, minha parceira no Grupo “Vozes ao Pampa” e em todos os trabalhos acadêmicos. Tua presença ao meu lado foi uma dádiva divina.

A Ariane, Daniela Dáren, Fernanda, Francine e Rafael, que desde o início da faculdade estiveram junto comigo. Vocês fazem parte das amigas que quero levar para sempre.

À minha querida orientadora, professora Dr^a. Vera Lúcia Medeiros, atenciosa, amiga, incentivadora, generosa, pessoa que eu admiro e que para sempre estará próxima do meu coração. Obrigada pela honra de ter sido sua aluna e sua orientanda.

A Maria Denize Rossal, meu agradecimento especial pela compreensão, amizade, confiança e carinho.

Aos meus filhos Lauro, Juliana e Carlos Eduardo, cuja existência é a razão da minha vida, e que, mesmo sem saberem, me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus colegas e amigos que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta conquista.

Às crianças que participaram das contações de histórias na Biblioteca Pública Infantil professora Maria Martins Rossell e a todos os professores que acreditaram no nosso trabalho levando seus alunos até lá.

Aos professores que passaram pela minha vida, da pré-escola à universidade, e que deixaram sua marca indelével na minha caminhada.

RESUMO

O presente trabalho ambiciona demonstrar que as atividades de contação de histórias, especialmente nas séries iniciais, quando mediadas pelo professor, podem promover aproximação entre docente/discente, auxiliar na compreensão e construção do conhecimento, bem como contribuir na formação de novos e competentes leitores, especialmente leitores literários. A fim de comprovar tal hipótese foi utilizado como *corpus* de análise as nossas vivências e experiências na participação das práticas de contação de histórias na Biblioteca Pública Infantil Prof^a Maria Martins Rossell e em escolas da rede municipal e estadual da cidade de Bagé, como membro do Projeto Vozes ao Pampa, da Unipampa, Campus Bagé, durante os anos de 2010 e primeiro semestre de 2011. Esta pesquisa confirmou que a prática da contação de histórias promove um ganho real para os ouvintes, que serão instigados a libertar sua criatividade em um ambiente motivador para a aprendizagem e que desta forma, estimulados na busca de novos títulos, terão a chance de tornarem-se leitores que, fomentados pela contribuição da leitura em suas vidas, terão a oportunidade de se conscientizar do seu papel cidadão na sociedade.

Palavras-chave: Contação de histórias. Professor. Alunos das séries iniciais. Formação de leitores. Projeto “Vozes ao Pampa”

ABSTRACT

The current work seeks to demonstrate how story-telling activities in elementary grades, when mediated by an educator, may promote a closer relationship between teacher and student, help with the comprehension and construction of knowledge, as well as contribute in the formation of new and competent readers, especially literary readers. During 2010 and the first semester of 2011, with the purpose of proving such hypothesis, we, as members of the of the project *Vozes do Pampa*, by Unipampa (University of Pampa), Bage Campus, analyzed our experiences with story-telling at city and state schools and at the Prof. Maria Martins Rossell Children's Public Library. This research has confirmed that the practice of story-telling promotes a real gain to the listeners. They are persuaded to free their creativity in an environment that motivates the learning process. Stimulated in the search for different titles, the children will have the chance of becoming new readers which, encouraged by the contribution of reading in their lives, will have the opportunity of being aware of their role in society.

Key Words: Story-telling. Teacher. Elementary Grade Students. Formation of Readers.

Project "Vozes ao Pampa".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Crianças na faixa etária dos 4 aos 6 anos.....	17
Figura 2: Crianças na faixa etária dos 10 aos 12 anos.....	17
Figura 3: Produção Textual: “O Menino Que Viu Uma Coisa”	18
Figura 4: Dramatização.....	19
Figura 5: Momentos de Leitura.....	19
Figura 6: Bilhete recebido pelas contadoras.....	20
Figura 7: Visita à Escola.....	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS REALIZADAS NA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL PROFESSORA MARIA MARTINS ROSSELL	16
3	POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?	23
4	A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA RELAÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE PROFESSOR/ALUNO	34
5	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

O trabalho *Contação de histórias: um patrimônio a serviço da formação de leitores e do fortalecimento de vínculos afetivos entre professor/aluno nas séries iniciais*, tem como tema a importância da contação de histórias nas séries iniciais - do 1º ao 5º ano do ensino fundamental - como estratégia para aproximação aluno/professor em todos os campos do saber e para formação de leitores.

A questão que norteou este trabalho foi verificar em que medida atividades de contação de histórias nas séries iniciais, quando mediadas pelo professor, podem promover aproximação entre docente/discente, auxiliar na compreensão e construção do conhecimento, bem como contribuir na formação de novos e competentes leitores. Essa questão surgiu em função da minha participação nas práticas de contação de histórias na Biblioteca Pública Infantil Profª Maria Martins Rossell e em escolas da cidade de Bagé, como membro do Projeto *Vozes ao Pampa*, da Unipampa, Campus Bagé, quando o público, estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental de diversas escolas da rede pública, proporcionou situações inesperadas, como manifestações afetivas, questionamentos importantes acerca do conteúdo das histórias contadas, solicitações para que mais histórias fossem contadas e busca pela leitura de outros títulos, em momentos de troca bastante significativos.

São objetivos deste estudo, refletir sobre a importância da contação de histórias na formação de leitores nas séries iniciais e ainda na aproximação discente/docente, analisar práticas de contação de histórias realizadas na Biblioteca Pública Infantil Profª Maria Martins Rossell, bem como em escolas locais, na participação no grupo *Vozes ao Pampa*, formar leitores nas séries iniciais, bem como contribuir na divulgação do patrimônio literário e cultural local, nacional e universal.

Antônio Cândido (1972), no artigo *A Literatura e a Formação do Homem* nos diz que “a literatura de modo geral, contribui para a formação do ser humano em qualquer fase da vida” (p. 03). Portanto, a literatura, na infância, pode ser um meio eficiente de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade e ideal para auxiliar as crianças e jovens nas diversas fases do seu amadurecimento: um passaporte para vida e para a sociedade, enfim. Essa concepção do texto literário é partilhada por inúmeros estudiosos do tema. Para a escritora e especialista em Literatura Infantil, Bárbara V. Carvalho (1998), “[..] a literatura infantil, enriquecendo a imaginação da criança, vai oferecer-lhe condições de liberação sadia, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito: levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade” (p.21).

Segundo o pensamento desta autora, a fantasia proporcionada pela leitura é fator de saúde mental e espiritual. Outra autora, Teresa Borges, na publicação *A Criança em Idade Pré-Escolar* (1994), considera ainda que, ler pode colaborar em diversos aspectos do desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças.

É inegável a importância da literatura, quando se pensa na formação completa do ser humano, num processo que busque o equilíbrio entre o desenvolvimento da inteligência e da afetividade, entre a razão e a emoção, entre o utilitário e o estético (p.125).

Esta pesquisa configura-se como uma alternativa de mediação que busca, por meio da contação de histórias, desencadear uma aproximação mais íntima e prazerosa da leitura, capaz de permitir o contato com diferentes tipos de literatura, desfrutando as possibilidades de conhecimento, reflexão e crítica sobre o lido/ouvido, mesmo com os alunos menores. Com isso, pode-se promover a formação completa do ser humano, como afirma Teresa Borges.

Pressupõe-se que as crianças a quem o mundo literário for apresentado de maneira prazerosa, desenvolverão um gosto bem maior pela leitura, sendo isto pressuposto básico para a formação de leitores competentes desde as séries iniciais. Celso Sisto (2001) confirma este

pensamento ao afirmar que: “Não podemos falar de contação de historias sem falar do ato de ler, pois é certamente do fascínio de contar e ouvir histórias, que nasce o fascínio de ler” (p.47).

Essa proposta visa ainda promover uma relação de afetividade e troca entre o professor e o aluno na sala de aula, estabelecendo um ambiente saudável e acolhedor que proporcione meios para auxiliar na construção do conhecimento de forma eficaz e agradável.

A participação no grupo Vozes ao Pampa também reforçou a idéia que a contação de histórias proporciona interação entre alunos e contador, e que, além do mais, desperta o interesse e o prazer pela leitura, instigando, desta forma, a formação de bons leitores. Assim, acredita-se que o profissional da educação, quando assume a função de contador de história, pode tornar a rotina de sala de aula, quase sempre enfadonha, mais agradável, trazendo para o ambiente escolar os benefícios aqui citados, bem como para si uma satisfação pessoal, como podemos ver em Celso Sisto (2010), conhecido contador de histórias, que na obra *A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil* partilha sua experiência:

Contar história é dialogar em várias direções: na arte, na do outro, na nossa! Os objetivos podem mudar – é recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar – podem se alternar, mas nunca acaba com o prazer de escutar! De participar! De criar junto! (p. 95).

Betty Coelho (1997) compartilha do mesmo sentimento, e no livro *Contar histórias, uma arte sem idade*, propõe-se a prestar depoimento sobre sua vivência como contadora de histórias:

[...] tem sido um incentivo e uma gratificação em minha vida e se constitui num tesouro pessoal de valor inestimável, um abre-te Sésamo de portas colossais, portas que são acesso aos mais receptivos e calorosos vestíbulos. Sinto-me como um menestrel dos tempos antigos, a deslumbrar-me com a riqueza da comunicação que a oralidade oferece (p.08)

A metodologia aplicada para o desenvolvimento do trabalho foi uma pesquisa de campo, quando foram realizadas análises reflexivas do desenvolvimento de atividades de contação de histórias junto a estudantes das redes de escolas públicas da cidade de Bagé, RS, que participaram das contações e mediações de leitura na biblioteca Pública Infantil Professora Maria Martins Rossell, bem como em suas escolas de origem, no ano de 2010, durante os meses de março a dezembro. Foram realizadas ainda entrevistas com professores e alunos, quando foi investigada a importância da Contação de Histórias nas salas de aula das séries iniciais, e ainda a sua possível contribuição para a aproximação aluno/professor e conquista de novos leitores.

Este trabalho está organizado em seis capítulos que iniciam por esta introdução. O capítulo dois tratará do relato da nossa experiência no grupo de contadores de histórias e mediadores de leitura Vozes ao Pampa.

No terceiro capítulo, cujo título é Por que contar histórias?, indicaremos diversos motivos para responder a esta questão. Começaremos aludindo ao valor do contador de histórias nas sociedades antigas, logo após mencionaremos alguns depoimentos, inclusive o da autora deste trabalho, sobre o valor das histórias ouvidas na infância. Listaremos ainda algumas obras de psiquiatras, cujas teses consideram os contos recursos terapêuticos no tratamento de diversos problemas de ordem psicológica e emocional, discorrendo um pouco sobre o conteúdo de tais obras. O capítulo trata ainda de motivos de ordem social, humana, linguística e educacional para a utilização da prática da contação de histórias.

O quarto capítulo tentará demonstrar a importância da contação de histórias na aproximação aluno/professor. Aqui, faremos alusão aos benefícios que o professor, quando mediador, poderá obter com a troca de experiências entre contador e ouvintes, na possibilidade de colocar as suas crenças e lançar desafios, e, sobretudo, contribuir para o

crescimento cognitivo e afetivo dos seus alunos. O capítulo encerra fazendo menção à visão sócio-interacionista de Vigotsky.

No quinto capítulo abordaremos a questão da formação de leitores nas séries iniciais. Inicialmente, falaremos sobre as estatísticas brasileiras referentes ao índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) e ainda do programa internacional de avaliação de alunos (PISA), realizando uma análise sobre estes dados e o papel do professor em relação a isto. A seguir, discorreremos sobre os primórdios da literatura infantil, seu papel inicialmente pedagógico e as mudanças que vem acontecendo ao longo dos anos. O capítulo finalizará tratando da atualidade e da possibilidade de, por meio da contação de histórias, trilhar-se um caminho seguro na formação do leitor literário.

O sexto capítulo trará as considerações finais acerca da inquietação que mobilizou esta pesquisa e as reflexões buscadas ao longo deste trabalho, cuja intenção foi resgatar o papel do contador de histórias na figura do professor, além da busca da formação de novos leitores. O capítulo retoma aspectos mais objetivos do trabalho e confirma a nossa idéia inicial sobre a importância da contação de histórias na formação de leitores nas séries iniciais e no fortalecimento de vínculos afetivos entre professor/aluno.

2 PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS REALIZADAS NA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL PROFESSORA MARIA MARTINS ROSSELL

O universo é feito de histórias e não de átomos
(Muriel Rukenser)

No ano de 2010, desenvolvi atividades no Grupo de Contação de Histórias e mediação de leituras “Vozes ao Pampa”, coordenado pela Professora Dr^a. Vera Lúcia Medeiros, em parceria com a Biblioteca Pública Infantil Professora Maria Martins Rossell. Comecei atividades de contação de histórias e mediação de leituras naquela casa em dupla com uma colega do grupo, quando recebemos cerca de 500 alunos pertencentes a diversas escolas da rede pública do município de Bagé, estudantes de pré-escola até a quinta-série ou sexto ano do ensino fundamental, com idades entre quatro e doze anos de idade.

As práticas de contação ali vividas foram de especial importância no desenvolvimento deste trabalho, visto que, a idéia que pretendo aqui defender, foi experienciada no meu trabalho com o grupo. Participar deste grupo foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida, pois a união desta vivência prática com as experiências teóricas e emocionais me permitiram chegar até aqui.

A sensação de júbilo é inexplicável ao notar o brilho nos olhos dos pequenos ouvintes no momento da narrativa, é quase como ser o próprio escritor da história, como se a voz emitida fosse o próprio texto sendo criado. Cito Cecília Meireles (1984) para reiterar essa afirmativa: “O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores”. (p. 49)

E, voltando ao brilho nos olhos das crianças, posso dizer que, os alunos, quase na sua totalidade, viveram momentos de total encantamento, criatividade e fantasia durante as contações. Foram utilizados poucos recursos visuais, na maior parte, apenas recursos auditivos e interpretativos no momento das histórias, o que me fez constatar que, desta forma, a criatividade e a fantasia interagem de forma muito mais intensa e eficaz.

Diversas turmas visitaram a Biblioteca, oriundos de diferentes escolas e séries e idades distintas, como pode ser observado nas figuras a seguir (figura 1 e figura 2):



FIGURA 1 – Crianças na faixa etária dos 4 aos 6 anos



FIGURA 2 – Crianças na faixa etária dos 10 aos 12 anos

Nestas visitas, os alunos ouviram histórias de variados gêneros, como as lendas da *Dona Labismina*, ou *Por que o Mar Chora Tanto?*, pertencente ao folclore sergipano, a *Lenda da Erva-mate*, que faz parte do folclore sul-rio-grandense, a *Lenda do Monstro da Panela do Candal*, que está relacionada ao folclore da cidade de Bagé-RS, bem como contos de fada, a exemplo de *Pinóchio*, *Simbad o Marujo* e *Rapunzel*, algumas fábulas como *Os Sete Cabritinhos*, *A Galinha Ruiva* e *Festa no Céu*, e ainda contos de terror e suspense extraídas de livros como *Contos de Assombração*, que contém histórias e lendas do folclore latino-americano e ainda *Sete Ossos e uma Maldição*, de Rosa Amanda Strauzz, e o *Livro dos Medos*, organizado por Heloísa Prieto, com contos de diversos autores.

Houve momentos em que os alunos contaram suas histórias pessoais ou ouvidas de alguém, passaram para o papel suas impressões, criando textos a partir dos textos ouvidos, completaram histórias iniciadas pelos contadores, como a história do “Menino que Viu uma Coisa”, extraída da internet (Figura 3).



FIGURA 3 – Produção Textual: “O Menino Que Viu Uma Coisa”

Algumas turmas atuaram como personagens das histórias (Figura 4) e todas elas realizaram períodos de leitura individuais e em conjunto (Figura 5), em momentos de significativo deslumbre, troca de experiências, encantamentos e afetividade.



FIGURA 4 – Dramatização



FIGURA 5 – Momentos de Leitura

De tudo isto, o que mais nos chamou a atenção durante a contação foi que, a cada cena narrada, podíamos visualizá-los de forma diferenciada, sempre atentos, as expressões faciais variando conforme a narrativa se desenrolava, ora demonstrando apreensão, ora satisfação, ora fascínio. Percebia-se muitas vezes, por suas expressões e comentários, as meninas identificando-se com o personagem feminino e os meninos com o masculino.

A conquista do pequeno leitor se dá através deste tipo de relação prazerosa com a história, onde mito e imaginação se confundem e o levam a vivenciar as emoções em

companhia dos personagens, introduzindo assim circunstâncias que as levam a fazer uma ligação com a realidade

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (Abramovich, 1995, p. 17).

Ao final dos trabalhos, as crianças sempre lançavam as mesmas perguntas: Tia, quando nós vamos voltar? Conta outra história? Muitos beijos e abraços e às vezes fotos e bilhetes (Figura 6) foram partilhados por nós e pelas turmas, bem como algumas conversas sobre suas experiências com leitura e sobre a vida particular, além de trocas de e-mail e ainda mensagens nas redes sociais.

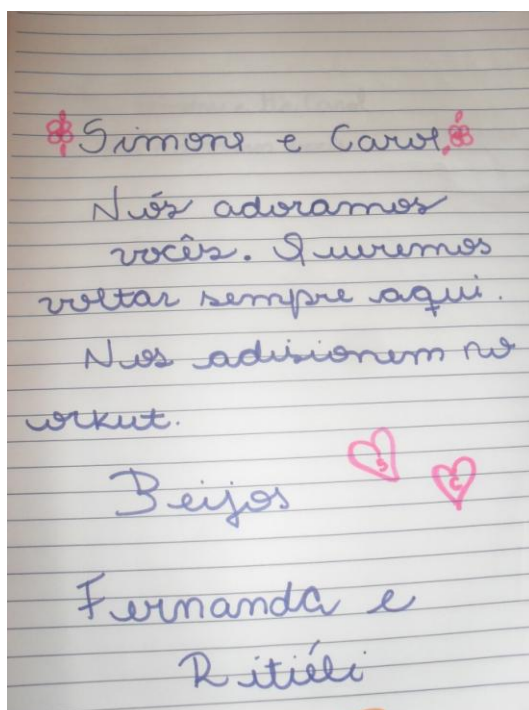


FIGURA 6 – Bilhete recebido pelas contadoras.

Foram realizadas ainda visitas em algumas escolas onde foi possível observar, nas salas de aula, trabalhos realizados a partir das histórias ouvidas (Figura 7). Uma turma de terceiro ano da escola Municipal Dr. Antenor Gonçalves Pereira realizou um teatro de fantoches protagonizando uma história contada por eles mesmos durante a nossa dinâmica. Nesta turma fizemos entrevistas com diversos alunos, meninos e meninas, e com a professora, que costumava trabalhar histórias nas suas aulas, e pudemos constatar que os alunos tinham um vínculo muito forte com a docente e que isso fazia desta turma, um grupo unido e cujo aprendizado se dava com prazer, emoção e grande aproveitamento, além de serem todos frequentadores assíduos da biblioteca da sua escola.



FIGURA 7 – Visita à Escola

Em outra escola, o Educandário São Benedito, visitamos uma turma de 1º ano, e a realidade apresentada foi praticamente a mesma. Nesta turma também verificamos um trabalho extremamente prazeroso e eficiente, mediado pelas contações de histórias em todos os momentos de aprendizagem e em todas as áreas. Percebeu-se que o elo de ligação entre os alunos e a professora tornava-se notavelmente estreito nos momentos de contação, pois a interação dava-se com intenso deleite.

Tudo isso provocou uma reflexão acerca da importância destes momentos e sobre as possibilidades de promoção de leitura que os mesmos ofereceriam, caso fossem uma prática regular nas salas de aula, especialmente os direcionados aos alunos de 1º ao 5º ano, partindo do professor regente. Imagina-se que, assim, a construção do conhecimento poderia se dar de forma bem mais produtiva e significativa estreitando os laços entre professor e turma, de tal maneira que a sala de aula se tornasse um dos lugares mais interessantes para eles. Além disso, entende-se que, os professores adeptos desta prática, estariam contribuindo, sobremaneira, na formação de novos leitores, críticos e competentes.

3 POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?

Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde.

(Louis Pawel)

Contar histórias é a mais antiga das artes, que teve seu início nos primórdios da humanidade. Conta-se que o primeiro narrador foi o grego Heródoto, ao qual se atribui a história do Rei Egípcio, porém muito antes de Heródoto os homens primitivos já contavam suas histórias e registravam-nas por meio de desenhos rupestres nas cavernas que habitavam. Foi através das histórias contadas por estes ancestrais que soubemos como chegamos até aqui.

Não há país ou etnia que não possua seus contos ou lendas. Os contos nasceram com os homens e sempre fascinaram as pessoas em todos os tempos. No princípio a palavra escrita não existia e durante muitos séculos homens sentaram-se ao redor de fogueiras para contar e ouvir histórias, e desde esta época as narrativas nutriam a imaginação e acalentavam a alma humana.

Nas sociedades tribais primitivas essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Malban Tahan (1966)¹, famoso escritor e matemático brasileiro, que escreveu sobre lendas e fábulas passadas no oriente, nos esclarece que: “entre os indígenas, os pajés eram os depositários das tradições das tribos, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem veneradas e conservadas através dos tempos” (p.17).

¹ Pseudônimo usado pelo professor Júlio César de Mello e Souza.

Outra cultura que valoriza os contadores de histórias é o povo africano, cujos “Griots”², verdadeiros guardiões da memória popular, tem posição de destaque em suas comunidades. Quando uma tribo entra em conflito, o único que não pode ser ferido é o sacerdote das histórias, pois ele carrega em si toda a existência de sua civilização e não pode ser calado.

Na antiguidade, determinadas doutrinas religiosas, como o taoísmo³, eram propagadas pelo contador de histórias. Os contadores de histórias eram xamãs⁴ ou sacerdotes, curadores e mediadores culturais.

Na idade média os contadores de história eram conhecidos como bardos⁵ e eram respeitadíssimos, tendo determinadas vantagens em relação aos demais. Na obra *República*, de Platão, bem como na *Política* de Aristóteles e ainda na *Odisséia* de Homero, podemos ver diversas referências aos bardos.

A civilização grega cultuava muito os seus contadores e para eles a memória era a mãe das musas responsáveis pela inspiração: Mnemossyne, divindade grega que era uma das Titânides, filha de Urano e Gaia e a deusa que personificava a memória, seria a divindade da enumeração vivificadora frente aos perigos da infinitude, frente aos perigos do esquecimento. Isto revela a importância da tradição oral para este povo, especialmente antes da difusão da escrita.

Mais adiante, quando a palavra escrita começou a ser disseminada, esta era restrita a uma camada muito pequena da população. Assim, os contadores de história vieram ao longo do tempo, perpetuando as tradições e difundindo as lendas e histórias dos povos, bem como

² Griot, Griots ou contadores de histórias, vivem hoje em muitos lugares da África ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné, e Senegal, e estão presentes entre os povos Mandê ou Mandingas (Mandinka, Malinké, Bambara, etc.), Fulb e (Fula), Hausa, Songhai, Tukulóor, Wolof, Serer, Mossi, Dagomba, árabes-da Mauritânia e muitos outros pequenos grupos.

³ Termo que se refere aos "ensinamentos ou à religião do *Dao*", e "*Daojia*", linha de pensamento da filosofia chinesa.

⁴ Os xamãs, líderes espirituais, eram contadores de histórias cuja função e tarefa solene era libertar o povo das catástrofes. Nesta tarefa não se separava ao aspecto prático do intelectual e do emocional.

⁵ Palavra de origem celta que significa poeta-heróico, travador-trovador.

utilizando-se da oralidade para se divertir contando e ouvindo histórias, tanto reais quanto fictícias, em momentos de intenso arrebatamento.

Giordano (2007) nos esclarece que:

O poder da palavra no relato do contador de antigamente era revestido de poder pela crença de sua linhagem. Enquanto veículo da memória, eles contavam, de boca em boca, mesmo depois da chegada da escrita. Contaram sobre os rituais de reverência, de sacrifícios, de catástrofes, de amores e temores que sempre acompanharam o homem desde os seus primórdios. (p.05)

Embora há bem pouco tempo ainda ouvíssemos as histórias contadas em rodas de conversa com toda família reunida em volta da lareira ou do fogão a lenha, atualmente, este hábito está um pouco esquecido, em função da televisão, computador e outras modernidades de um mundo dominado pela imagem e pela velocidade eletrônica, que vêm substituindo os contadores. No entanto, a consciência da importância do papel da contação, que vem tomando maior proporção nos últimos tempos, tem levado ao surgimento de diversos movimentos de retomada desta arte milenar. Câmara Cascudo (2001, p. 40) afirma que, as histórias foram feitas para serem contadas diretamente, de boca em boca, com o coração e nada pode substituir a emoção de uma história contada.

Lembro de momentos incríveis e de quase todas as histórias ouvidas na minha infância e ainda hoje as palavras de meu avô, que foi o meu contador, ressoam nos meus ouvidos, na sua voz terna e amiga. Quando aprendi a ler, fui então procurar aquelas histórias que ele contava e outras disponíveis na palavra escrita para repeti-las na minha voz silenciosa; assim, tornei-me uma leitora, uma criança que leu toda obra de Monteiro Lobato, uma adolescente apaixonada por poesias de Vinicius de Moraes e Mário Quintana, que leu grande parte da obra de Agatha Christie, que leu, sem imposição escolar, José de Alencar, Machado de Assis, Eça

de Queirós, Érico Veríssimo e Fernando Sabino, dentre outros, uma mãe que releu Lobato com seus filhos e ainda oportunizou a estes a leitura de contos de fadas, fábulas, lendas e clássicos como a *Odisséia* e *Dom Quixote*, e uma adulta que há pouco descobriu e se apaixonou por autores como José Saramago, Cintia Moscovich e Mário Vargas Llosa e que, por tudo isto, valoriza cada vez mais a contação de histórias.

Tenho ainda o testemunho de um amigo de infância, que continua fazendo parte das minhas amizades, cuja mãe fora uma contadora exímia de histórias, o que, segundo o mesmo, acabou despertando nele um encantamento quase sobrenatural pelos livros, pelas histórias e pelas imagens. A partir deste estímulo ele tornou-se um grande leitor, tendo devorado, durante a sua infância, coleções inteiras de obras como as de Alexandre Dumas, que propagava as aventuras de *Os Três Mosqueteiros*, e muitos outros autores e títulos. Hoje, este amigo lê, em média, de cinco a seis obras literárias por mês.

Caio Ritter (2009), no livro *A Formação do Leitor Literário em Casa e Na Escola* dá um depoimento sobre a sua formação como leitor: “Não nasci em uma família leitora[.]Aliás, tive poucos livros na infância. Mas tive uma mãe contadora de histórias[.]” (p.13).

Também Alessandra Giordano (2007), autora do livro *Contar Histórias, um recurso terapêutico de transformação e cura* dá, nesta obra, o depoimento de quem nasceu em uma família contadora de histórias

O privilégio de ter uma avó contadora de histórias, e junto com ela a Nega Júlia, de origem africana, cheia de imenso amor pelos seres humanos, que adorava contar histórias, foi fundamental para o mergulho que ora inicio, porque ouvir e lembrar dos contos tem o efeito do encantamento. (p.02)

À esta família contadora, Alessandra Giordano atribui o seu legado de escritora e contadora de histórias, como se pode ver no excerto a seguir, extraído dos agradecimentos da sua já citada obra, *Contar Histórias, um recurso terapêutico de transformação e cura*: “Este

trabalho conta a história de um quadro de pano. O meu quadro de pano, que fui aprendendo a bordar desde que recebi de minha velha avó o primeiro conto” (GIORDANO,2007, p.III).

Sandroni e Machado (1996), na obra intitulada *A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura*, que trata do princípio de estímulo ao prazer de ler aliado à busca de estratégias que usem recursos adequados à realidade brasileira, afirmam que “[...] o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer”. (p.16).

De tudo isto, pode-se inferir que contar histórias contribui para a formação do “hábito” de ler. Que esse hábito é uma porta aberta na formação do cidadão, disso não temos dúvidas, mas ele também fornece elementos indispensáveis para a inserção social do indivíduo.

Existem vários motivos que julgamos de suma importância para contarmos uma história. Dentre eles, um dos mais importantes é que a contação de histórias pode ser um grande instrumento para despertar o senso crítico e reflexivo nas crianças. O professor, sabedor disto, tem a obrigação de utilizar esta ferramenta a favor do seu aluno.

Segundo Molina (1992):

[...] a partir do momento em que se reconhece o papel da escola na formação do leitor, apesar de todos os limites concretos, torna-se possível uma mudança de práticas, com o objetivo de dar ao aluno a competência em utilizar a leitura como um instrumento útil em sua vida, além da escola. (p.06)

Neste sentido, caberá à escola, enquanto espaço formal de articulação e promoção das práticas leitoras, proporcionar ao seu aluno condições favoráveis para que este possa exercer o ato de ler de forma plena, dinâmica e construtiva. Esta mudança de práticas da qual fala Molina, determinará novas maneiras da leitura ser inserida na vida escolar. Assim sendo, a prática de contar histórias pode ser modo bastante peculiar e convidativo à leitura, pois o aluno poderá se familiarizar com os textos, que passarão a fazer parte do seu dia a dia, refletir

sobre eles e atentar para a importância e a beleza da palavra escrita, despertando para o prazer da leitura e a diferença que a inserção desta poderá fazer em suas vidas.

Conforme Lerner (2002) afirma no trecho a seguir, fazer da leitura uma prática constante e rica, partilhando suas experiências pessoais com entusiasmo, é um dos papéis fundamentais do professor-educador:

[...] Para que a instituição escolar cumpra com sua missão de comunicar a leitura como prática social, parece imprescindível uma vez mais atenuar a linha divisória que separa as funções dos participantes na situação didática. Realmente para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne na sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação “de leitor para leitor. (p.95).

Contar histórias pode contribuir ainda para estimular o poder da observação, expandir as experiências; criar o gosto artístico; estabelecer uma ponte entre o mundo da fantasia e o da realidade, estimular a curiosidade, encontrar idéias e possibilidades de resolver questões; aconchego; espaço de troca; inserir-se em uma nova cultura; aguçar a sensibilidade.

No sentido da língua, particularmente, as histórias são a porta de entrada e enriquecimento da experiência linguística; desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos, dando o sentido da ordem, o que é muito importante para a produção textual; clareiam o pensamento; educam a atenção; desenvolvem o gosto literário; fixam e ampliam o vocabulário; contribuem no aperfeiçoamento da linguagem oral e escrita. Conforme Radino (2003), “a oralidade, a leitura e a escrita são atividades integradas e complementares” (p.38).

Um texto ouvido/lido pode ser interpretado de diferentes formas por diferentes pessoas. Para quem conta a história, a mediação da leitura torna-se ainda mais envolvente quando se vê a criança refletindo sobre o que leu, dando sentido ao texto, e de certa forma, adaptando a história a suas próprias “experiências” de vida.

Contar histórias pode ser capaz de transportar a criança para diferentes esferas dando vida aos seus sonhos, além de contribuir para o seu desenvolvimento, porque a história sempre vai despertar emoções e valorizar sentimentos. Giordano (2007), ao falar de sua experiência como ouvinte de histórias, diz que:

[...] sentia que o Era uma vez...era escutado pelo meu corpo, e algo ecoava dentro de mim, me encantava. Era um prazer com disponibilidade para pensar, rever minhas inquietações, ou compreender onde meus sentimentos mais íntimos pairavam. Tinha a sensação de que os contos se apresentavam como organizadores do meu pensar, do meu sentir, ajudando a nomear meus anseios e temores, desde muito menina. (p.03)

Com certeza, a criança consegue imaginar mais facilmente o maravilhoso e enxergar um mundo que é muitas vezes inalcançável para o adulto. Por isto, não é demais afirmar que, a literatura, seja ela oral ou escrita, alimenta a mente, é desveladora do mundo interno e externo, e isso é de suma importância no modo como a criança vai estabelecer o contato com o mundo à sua volta. Uma criança sem o contato com a fantasia vive em um mundo extremamente empobrecido.

A escritora e doutora em teoria da Literatura Ligia Cademartori (1994), legitima a prática da contação de histórias ao sugerir que,

[...] ler histórias para crianças, sempre, sempre [...] É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram) [...]. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) [...] É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...] (p.23)

Celso Gutfreind, psiquiatra e professor universitário, autor da obra *O Terapeuta e o Lobo* (2004), que trata da utilização do conto na psicoterapia da criança, sugere que a vida

individual de cada pessoa ocorre como um conto, podendo ser narrada com seus projetos, desdobramentos, dramas, nós, prazeres, términos, por isso, o autor, ao longo da referida obra, relata experiências que reforçam a idéia de que lendo, oferecendo livros ou contando histórias às crianças, estas abrem suas possibilidades, e, com isso, vão passando por experiências que as ensinam a viver melhor. A obra de Gutfreind apóia-se em trabalho clínico e de pesquisa, além da experiência médica psiquiátrica do autor. Esta pesquisa, realizada na França com um grupo de crianças em situação de ruptura prolongada das relações com as famílias e recolhidas a abrigos e ainda a uma escola dos subúrbios de Paris, demonstra em seus resultados, os benefícios da abordagem terapêutica por meio do conto. Este trabalho obteve a mais alta menção da Universidade francesa por ocasião de sua defesa, tanto escrita como oral.

Em sua tese, Gutfreind descreve o que se passa nas situações clínicas que apresenta e esclarece sobre os processos de mudança terapêutica e psicoterápica na vida imaginária das crianças perturbadas, após a intervenção terapêutica com os contos. O livro *O Terapeuta e o Lobo* configura-se como uma proposta de esperança, apoiando-se no princípio de “ser ainda modificável”, que se ampara numa experiência clínica impar, pensando-a a fundo e demonstrando por meio dos resultados obtidos sua utilidade e positividade

Uma importante contribuição a respeito da importância das histórias, está na obra do psicólogo infantil Bruno Bettelheim que, na obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1999), reflete profundamente sobre os efeitos benéficos dos contos infantis na criança, senão também nos adultos, ajudando pais, educadores, professores e outros profissionais que atuam junto às crianças a compreender os fantásticos impactos dos contos no desenvolvimento pessoal, social e afetivo da criança. Para este autor, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, pré-consciente e a inconsciente, em qualquer nível de funcionamento. Como falam ao "ego" em formação, encorajam o desenvolvimento, além de aliviar tensões e pressões conscientes ou não.

Nesta obra, Bettelheim faz uma bela análise dos mais variados contos, mostrando suas características e como estes agem na mente infantil:

O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. A criança precisa ser exposta a essa linguagem, e deve aprender a prestar atenção a ela, se deseja chegar a dominar sua alma. (BETTELHEIN, 1999. p. 197)

Outros autores que também atentam para esta questão são Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, graduados em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e especialistas no campo da psicanálise infantil e de adolescentes, autores de *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis* (Artmed, 2006). Estes autores bebem na fonte de Bettelheim e, segundo eles, as crianças mantêm uma relação concreta com as histórias e extraem desta experiência todas as coisas boas que elas podem oferecer, como se fossem garimpeiros. Na obra, os autores afirmam ainda que, em geral, a força das narrativas marca também a vida adulta das crianças que as ouviram.

Fadas no Divã traz o fruto de um trabalho intenso de três anos, onde os autores ampliam o universo de referências de pais, educadores e psicólogos ao destacar, em cada um dos contos escolhidos, preciosidades metafóricas que apresentam os dilemas e as angústias do viver. Privilegiando o impacto e a eficácia das fantasias nos leitores a obra propõe-se aprofundar a temática das histórias infanto-juvenis, estabelecendo conexões e evocando associações com os mais diversos conceitos da psicanálise.

Mário e Diana levam em conta a singularidade e toda a complexidade e influência dos aspectos inconscientes na apreensão do mundo. O casal apresenta diversas formulações dos contos selecionados, sendo que a escolha dos que fariam parte da coletânea teve como critério primordial as fantasias que despertam.

Ao longo da obra, os autores discutem as idéias de Bruno Bettelheim - autor da já citada obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas* - referentes aos aspectos terapêuticos do conto, na medida em que a criança encontra solução, sugestões em forma simbólica para lidar com conflitos ou imagens, que estruturam seus devaneios.

Fazendo referência à obra de Winnicott, que nos traz a função da “ilusão” como constitutiva da rede representacional da criança, os autores mostram que por meio do enredo, ela pode colocar em cena o inesperado, o suspense, as perdas e os abandonos, bem como, as soluções mágicas. Trata-se de um espaço de transição, onde pode movimentar-se entre as fantasias idealizadas e as situações geradoras de angústia e desamparo infantil. Cada criança fará, então, sua trajetória de alívio, descarga e desprazer.

A segunda parte do livro dedica-se a analisar histórias contemporâneas. Ficam evidentes as transformações sofridas pelos contos de fadas, que tomaram forma de história em quadrinhos, ficções científicas e filmes, como Mafalda, Snoopy, Calvin, Harry Potter e muitos outros que, de certa forma, dão expressão às novas necessidades.

O casal Corso valoriza ainda o resgate da intimidade da dupla narrador-ouvinte e a tradição oral. Em síntese, o investimento feito pelo adulto, ou o discurso parental, cria potencial criativo: o elemento sonhante.

Todas estas possibilidades que a contação das histórias pode promover remetem à resposta da indagação título deste capítulo, e se isso não bastar, finalmente, um último argumento para responder esta pergunta é que os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (PCN/EI), publicados pelo MEC em 1998, apontam que:

as instituições e profissionais de educação infantil deverão organizar sua prática de forma a promover as seguintes capacidades nas crianças: (...) interessar-se pela leitura de histórias; familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos, etc. (v.3, p. 131)

Os PCN s - Parâmetros Curriculares Nacionais, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, a Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos e os Referenciais para a Formação de Professores são documentos orientadores da educação escolar e da formação dos docentes brasileiros, e todos esses documentos assumem a defesa da formação de leitores como uma prioridade e sugerem possibilidades de trabalho pedagógico para o incentivo à leitura e como requisito para o desenvolvimento da capacidade dos alunos de fazerem uso real da escrita, sendo a contação de histórias uma das possibilidades sugeridas.

4 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO FORTALECIMENTO DOS VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE PROFESSOR/ALUNO

[...] quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias.

(Cecília Meireles)

Em nosso país, existem lares completamente “nus” de livros e leitura. Como já dissemos antes, antigamente, mesmo quando os lares encontravam-se despidos de livros, havia nas famílias os contadores de história, que se sentavam em roda contando as histórias que passavam de geração para geração, brincando com os adivinhas, as parlendas, as cantigas, os trava-línguas, as adivinhações e os provérbios. Tudo isso eram coisas que enriqueciam o universo da criança. Onde andam eles ultimamente?

Talvez o mundo contemporâneo esteja órfão de famílias contadoras de histórias; morreram as fadas, ficamos carentes do sonho, da imaginação. Atualmente o papel de contador de histórias vem sendo delegado à televisão. Na escola, quando existe um contador, normalmente essa pessoa é um professor em especial, que geralmente não participa do dia a dia da turma, e a atividade ocorre fora do ambiente de aula, sendo que, muitas vezes, sem a participação do professor regente, que nem toma conhecimento da história.

Veza ou outra os professores conduzem os alunos para assistir contações desempenhadas por pessoas de fora da escola, como é o caso dos que freqüentam as atividades realizadas na Biblioteca Pública Infantil Professora Maria Martins Rossell, antes

descritas. Isto não é ruim, pelo contrário, porém, ninguém melhor que o professor da sala de aula para fazer o papel de Sherazade⁶, a sedutora contadora de histórias.

Conforme Fortuna (2005), os contos seduzem

[...] porque são maravilhosamente transmitidos por meio da tradição oral, de forma transgeracional, de uma geração à outra, em momentos mágicos de encontro das infâncias (da infância de uma criança com a infância de um adulto que foi criança). (p.21)

Esta “sedução” que encaminha e atrai o aluno em direção ao mundo das artes e das letras, cria a possibilidade de estreitar os vínculos afetivos entre as partes. O “Era uma vez” dos narradores estabelece uma clima novo, o ato da leitura em conjunto, do momento de interação, de troca, acaba por criar vínculos que podem facilitar o trabalho do professor na sala de aula em todos os sentidos. Piaget (1972), a este respeito, diz que:

A pessoa do outro é um objeto afetivo, bem entendido, em grau supremo, mas é ao mesmo tempo o objeto cognitivo o mais interessante, o mais vivo, o mais imprevisível, o mais instrutivo, e neste nível, objeto, eu repito, que é fonte de percepção, de ações de todo gênero, de imitação, de causalidade, de estruturação espacial. Assim, a pessoa do outro é um objeto que supõe uma multidão de trocas nas quais intervêm fatores cognitivos tanto quanto fatores afetivos, e se é de importância predominante quanto a um destes dois aspectos, ele o é, eu penso, tanto quanto ao outro (p.66).

Faz-se necessário ainda que o contador esteja em sintonia com a narração; é preciso que se criem atividades motivadoras, que incluam a compreensão e a interpretação da história narrada. Ser professor é estar sempre em questionamento consigo mesmo, buscando novas maneiras de atrair o interesse do seu aluno, novas fórmulas de aprendizado.

⁶ Sherazade é a célebre personagem dos contos das *Mil e uma Noites*, conhecida como a contadora de histórias que humanizou o rei de seu país, salvando assim todas as mulheres de sua pátria.

O primeiro requisito para que o professor seja um contador de histórias é que ele seja um apaixonado pela leitura. Assim sendo, ele conseguirá falar com emoção e paixão, iluminando caminhos e orientando os seus alunos na direção das suas descobertas. Se houver essa paixão, tudo o mais será consequência, inclusive o talento para a narração, pois, como enfatiza Betty Coelho (1997) na obra *Contar Histórias uma Arte sem Idade*:

Há professores que pensam que não tem jeito para contar uma história. Se experimentarem, descobrirão qualidades novas em si mesmos, reacendendo a própria criatividade, o que os incentivará a modificar a prática de ensino, obtendo resultados positivos. (P.13)

Quando se conta, quando se ouve, estamos no mesmo nível de entendimento. Há uma troca generosa. Os professores contadores de história são mediadores de cognição e de afeição. Conforme Eliane Giordano (2007), “Contador de histórias é um ser comprometido com a amorosidade e com o desenvolvimento do ser, sempre objetivando torná-lo mais humano” (p.164).

Novamente citando Gutfreind e a obra *O Terapeuta e o Lobo* (2004), pode-se dizer que os contos são aliados da psicoterapia, como o mesmo destaca na página 33 desta obra, quando, falando a respeito de experiências clínicas dos norte-americanos B.C.Krietemeyer e S.P Heiner (1992), afirma que:

[...] Os autores demonstraram a força dos contos para as crianças de 5 a 10 anos, no caso, dominarem, pela fantasia, uma situação difícil, permitindo-lhes a expressão, catártica, de sentimentos de desespero, cólera e medo. O autor da obra remata ainda que [...] oferecer histórias a uma criança é promover um programa eficiente de saúde mental. (KRIETEMEYER e HEINER, 1992. p.12 *apud* GUTFREIND, 2004, p.33)

Pois bem, se, em uma situação de transtornos psicopatológicos, em que as crianças apresentam carência afetiva, o conto pode ajudar, com certeza, em uma situação escolar ele poderá ter um efeito também bastante positivo, contribuindo especialmente na aproximação e confiança entre contador e ouvinte, no caso professor/aluno, o que deverá, por consequência, colaborar no rendimento geral do aluno, promovendo interação, participação e aprendizagem ampla e efetiva, bem como momentos de intenso prazer.

Assim, o relacionamento aluno/professor, mediado pela contação de histórias, funcionaria como uma “terapia” na vida da criança, visto que, como afirma Gutfreind (2004) “o conto, graças aos seus elementos invariantes (repetições), oferece à criança representações decisivas para criar processos de pensamento” (p.109). Referindo-se a Lafforgue (1977), o psiquiatra reitera que a prática do conto deixaria, no psiquismo das crianças, os traços interiorizados que ela poderia reutilizar em situações conflitantes da mesma estrutura. A mediação do professor, neste caso, serviria de forma acolhedora ao aluno, que vai buscar desmistificar os seus sonhos e tentar resolver seus conflitos internos e externos, inclusive os desencadeados dentro da sala de aula, pois é importante que se leve em conta o outro, as relações com o outro, cujo pensamento sobre nós é tão significativo, de modo que parte do que esse outro afirma a nosso respeito passa a nos constituir, fazendo parte do nosso aprendizado, sem que nos apercebamos.

Portanto, percebe-se que o hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”. (BUSATTO, 2003, p. 10).

É importante ainda que não só o professor, necessariamente, seja o contador de histórias, mas que este proporcione ao seu aluno a oportunidade de também tomar para si este

papel. A narrativa irá contribuir para a habilidade verbal da criança e para a apropriação do ambiente social em que esta interage. Viver na era da pedagogia fundamentada no afeto e na compreensão não implica somente manifestações de carinho, mas também manifestações de valorização pessoal. Dar voz ao seu aluno é fazê-lo sentir-se reconhecido, valorizando seus conhecimentos e sua história.

O momento da contação é também um momento propício para o professor colocar suas crenças e lançar desafios, criando um “campo de trocas”, cuja finalidade seja contribuir para que as crianças elaborem a sua trajetória pessoal de maneira saudável, na qual a relação de afeto, confiança e aprendizagem seja apreciada e aproveitada.

A razão para que existe tanto poder em contar histórias é porque a vida é melhor entendida e tem significado quando a consideramos como uma história contínua. Na verdade, não existe nenhum jeito de viver a vida sem uma história. (BRETT Webb-Mitchell, 1995. *apud* GUTFRIEND,2003, p. 31)

Resumindo a visão sócio-interacionista da aprendizagem de Vigotsky, podemos dizer que só se aprende na interação com o outro, isto é, a aprendizagem se dá na interação professor-aluno, ou até aluno-aluno, desde que um dos interactantes saiba mais do que o outro, tenha condições de facilitar o percurso do aprendiz ou, “construir andaimes – para que este atinja o conhecimento desejado” (KLEIMAN, 1991, P. 05).

Desta forma, entende-se que o professor, sendo responsável por criar ligações entre todas as fontes, tem, por meio da contação de histórias, uma forma eficaz de estabelecer uma relação propícia e facilitadora de interação que dê suporte para o desenvolvimento das capacidades globais do seu aluno.

5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS

*Óh bendito o que semeia livros...
livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmen que faz a palma,
É chuva que faz o mar.
(Castro Alves)*

Como professores, graduados em Letras, temos a responsabilidade de formar leitores. Sendo assim, um dos principais focos das nossas aulas tem que ser a leitura.

Estatísticas recentes de medição do Índice de desenvolvimento da educação básica⁷, afirmam que, a qualidade do ensino brasileiro vai mal. A média brasileira atual do IDEB, considerando as notas do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio, é de 4,0. A média de países desenvolvidos em um índice similar, o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) é 6,0.

A cada ano o PISA dá ênfase para uma disciplina: em 2009, foi a vez da leitura, que definiu como o seu objetivo de instrução o "entendimento, uso, reflexão sobre e interesse por textos escritos, para que se possa obter resultados, para que seja possível desenvolver conhecimentos e potenciais e para participar da sociedade".

Segundo o resultado do Programa Internacional de Avaliação dos Alunos, divulgado em 2009 pela OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), apesar de o Brasil ter atingido a média de 412 pontos em leitura - o que equivale ao nível dois de proficiência - 49,6% dos 20 mil brasileiros avaliados estão em níveis de proficiência menores. O nível dois é considerado como básico ou moderado pelo exame. Dentre os 65

⁷ disponíveis no site: <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>

países avaliados, o Brasil encontra-se na 53ª posição. Estes dados referem-se a avaliações feitas com 470 mil estudantes de 65 países.

Os resultados apresentados demonstram que alguma coisa está errada; acreditamos que boa parte desse insucesso deve-se à falta de leitura literária, pois quem forma o leitor, com certeza, é o livro literário, e é a presença deste tipo de texto que está fazendo falta dentro da escola, inclusive para os professores, pois um professor que não seja leitor jamais será um formador de leitores. Antes de qualquer coisa, o professor deverá ter um conhecimento literário prévio a respeito da obra que apresenta aos seus alunos e ser um amante da leitura, como requisitos para atuar como um professor capacitado a formar leitores, pois o entusiasmo do professor pela leitura e a consciência de seu papel mediador poderá ser método eficiente na formação de um leitor competente, capaz de fazer a vinculação entre o lido e o vivido. Giordano (2007) diz que “[...] é necessário que o conto sensibilize, antes, o contador para depois sensibilizar o ouvinte” (p.168).

Para entender melhor o processo e o papel do professor neste contexto, se faz necessário que transportemo-nos às origens da literatura infantil, que teve em sua raiz, uma função restrita, pedagógica, cujo objetivo sempre foi introduzir aspectos gramaticais ou fixar parâmetros comportamentais, submetendo as crianças a um padrão moral e didático que se sobrepôs ao estético.

Do ponto de vista da produção, grande parte das obras atualmente conhecidas e amadas pelas crianças não foram produzidas para elas. Os primórdios da chamada literatura infantil tem raízes nas lendas e tradições folclóricas de todos os povos socialmente organizados. No século VI a.C preceitos morais e políticos são transmitidos por um brâmane a três jovens discípulos, por meio de fábulas e narrativas. Na Idade Média, os manuscritos lidos pelas crianças têm finalidades religiosas, como as vidas de santos e os manuais de devoção.

O século XV foi uma época decisiva para a literatura infantil, quando foram publicados os primeiros livros para crianças, destacando-se entre eles *A Book of courtesy*⁸ (1477) do impressor inglês William Caxton, que lançou, pouco depois, uma edição das *Fábulas de Esopo*. No século XVII, existiram histórias que foram englobadas como literatura também apropriada para crianças, como as *Fábulas de La Fontaine*, e *Les Aventures de Télémaque*, de Fénelon, dedicado ao neto de Luiz XIV, e ainda os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo nome original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com imoralidades*, publicado por Perrault em 1697, onde este difundiu algumas das melhores narrativas da tradição oral, como “A Bela adormecida no bosque”. Este livro de Perrault foi um divisor de águas, pois é a partir de sua publicação que o conto de fadas assume o papel característico que desempenha até hoje na literatura infantil, abrindo caminho para todo um mundo de seres e reinos encantados que se multiplicaram em todas as línguas e regiões.

Nas primeiras décadas do século XVIII, distinguiram-se os trabalhos do livreiro inglês John Newbery, que publicou uma série de livros especialmente feitos para crianças, onde a marca de Perrault se fez presente. Já na segunda metade deste século começou a se difundir uma literatura infantil decorrente de exigências próprias da época, ou seja, a emergência da família burguesa que se consolida como classe social, gerando uma modificação no status da criança na sociedade e na família, estabelecendo padrões ideológicos que visavam preservar a unidade do lar e o lugar deste jovem no meio social.

Com a ascensão e a obrigatoriedade da escola, o ensino e o surgimento da pedagogia e da psicologia, a criança assume um novo posto na sociedade. No interior de tudo isso, como um objeto cultural, emerge uma literatura infantil cujo intuito seria garantir a educação e a formação das crianças, colocando-as sempre no lugar de um ser submisso e obediente,

⁸ Trata-se de um livro de boas maneiras.

passando a preconizar um modelo pragmático que endossa valores, imitando comportamentos.

Zilberman, na obra *A Literatura Infantil na Escola*, explica o papel inicial desempenhado pela chamada literatura infantil como linguagem mediadora entre a teoria e sua aplicação, admitindo um legado puramente doutrinário. Segundo esta autora “[...] a psicologia infantil responsabiliza-se pela teoria da formação da criança; sua aplicação no campo didático relaciona-se à pedagogia. E repercute ainda no terreno artístico, quando do aparecimento da literatura infantil”. (ZILBERMAN, 2003, P.44).

No século XIX, surgem as histórias dos irmãos Grimm, que reuniram mais de 2600 contos orais, lendas e fábulas da Idade Média, tornando-se os maiores contadores de história de todo o mundo, seus contos viraram sinônimo de literatura para crianças. Com a produção do dinamarquês Hans Christian Andersen, ainda no século XIX, surgiram novas criações literárias destinadas especificamente às crianças. Andersen, como seus precursores, inicialmente utilizou a literatura popular, dos contos escritos e dos relatos orais para, em seguida, dedicar-se à criação própria, centrada principalmente no cotidiano.

Segundo a *Enciclopédia Mirador Internacional* (1975),

A aceitação dos contos de fadas teve pelo menos duas conseqüências importantes: a de impor coerentemente um predomínio do imaginário sobre o “instrutivo”, da liberdade sobre o compromisso, e a de recolocar o problema de uma literatura específica e deliberadamente infantil. (p.6919)

A partir destas histórias foi possível definir os aspectos que mais agradavam ao público infantil, e então, definir com maior segurança a linha de ação que os escritores deveriam imprimir daí por diante. O fantástico e as histórias de aventuras comandadas por jovens e crianças corajosas seriam então a nova fórmula do sucesso vigente.

Já na segunda metade do século XIX a geração de escritores da literatura infantil passa a dar consistência e perfil à literatura para crianças e jovens, começando a modificar o modelo utópico existente no século anterior. Nesta época, surgiram *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Através do espelho* (1872), de Lewis Carroll e *Pinóchio* (1882), do italiano Carlo Lorenzini. É também nesta época que se dá início a produção literária para adolescentes, ou literatura infanto-juvenil, despontando o nome de Jules Verne como seu precursor.

O século XX trouxe mais liberdade e grande parte dos escritores voltou-se para a temática urbana, valorizando a criança, incluindo-a nas histórias como seres capazes de discutir problemas contemporâneos da sociedade e encontrar soluções para os mesmos. Assim, os autores passaram a não repetir os modelos vigentes e o gênero passou por um processo de renovação nas mãos de alguns escritores como o brasileiro Monteiro Lobato, que definiu esse gênero no país, lhe dando independência e criando verdadeiras obras-primas.

Surgiu então a Nova Literatura Infantil como um “boom” dos anos 70, em um momento de transformação que, segundo a escritora Nelly Novaes Coelho, na obra *Literatura Infantil: Teoria + Análise + Didática* (2000), foi o momento em que a disciplina de Literatura Infantil/juvenil começou a ser ministrada nas universidades. Ainda conforme esta autora, em 1990 a mesma disciplina surgiu em nível de pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP).

No dias atuais, em pleno início no século XXI, todas as universidades de Letras do país possuem a disciplina de literatura infantil/juvenil nos seus currículos e os escritores de literatura para crianças e jovens seguem transformando modelos e procurando fazer o caminho inverso do que foi feito anteriormente, voltando o cenário literário para obras que possuem uma proposta diferenciada e tem por objetivo dar uma visão do mundo orientada por aspectos mais estéticos e críticos. Citando Marina Colassanti, na obra *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*, Zilberman (2003) exemplifica esta mudança:

Marina Colassanti lida com o conto de fadas em outra direção: adota as personagens tradicionais como reis, princesas, fadas, animais dotados de propriedades mágicas, para extrair delas situações novas, que traduzam o mundo interior e os desejos profundos dos seres humanos. (p.100)

Portanto, pensando nesta proposta, se quisermos percorrer um caminho profícuo para a formação literária e a formação cidadã, este caminho deve ser percorrido desde os primeiros anos escolares, com ações que chamem a atenção dos pequenos para a beleza das palavras, a magia da narrativa e as opções interpretativas, bem como a ambiguidade dos textos, extinguindo todo e qualquer compromisso pedagógico com a leitura. Além disso, é importante aproveitar a inocência infantil para apropriá-la do lirismo a que esta ainda se permite por inteiro. Para exemplificar este lirismo, cito Manoel de Barros e um trecho do poema *O Menino que Carregava Água na Peneira*⁹, o qual apresenta um texto que fala de um menino que se depara com a possibilidade de transgredir a realidade por meio da criatividade e do uso da palavra,

*[...] No escrever o menino viu
Que era capaz de ser
Noviça, monge ou mendigo
Ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as
palavras.
Viu que podia fazer peraltagens
com as palavras
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de interromper o vôo
de um pássaro
Botando ponto final no final da frase.
Foi capaz de modificar a tarde.
botando uma chuva nela
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor! [...]*

⁹ Este conto-poesia está no livro *Exercício de ser criança*, de Manoel de Barros, lançado em 1999, pela editora Salamandra.

Com seu papel fundado na oralidade, na tradição popular, a literatura encontra apoio no uso da palavra, independente da escrita. Segundo Brenman (2005),

A arte de narrar e ouvir histórias, no contexto contemporâneo, significa uma oportunidade na qual abrimos um momento de contemplação, de comunicação. Há o exercício de pensar, falar, calar. Esse encontro se dá por meio dessas palavras, e o vazio entre os humanos ganha substância pela voz de alguém que conta um conto.¹⁰

Assim, aquele que enxergar a possibilidade de, por meio da oralidade, ou seja, da contação de histórias, conseguir despertar na criança a sensibilidade estética, estará trilhando caminho seguro na formação do leitor literário. Foi este o caminho seguido, mesmo sem saberem, porém, na mais útil ignorância, pelo meu avô e pelas mães do meu amigo de infância e do escritor Caio Ritter, conforme descrito no início do capítulo três deste trabalho. Isto significa abrir as portas do caminho mágico e encantador que a literatura pode proporcionar, como pode se ler em Abramovich (1995)

Há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho ou chato... é uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto... Se a criança é a única culpada nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto inocente... Mais culpados são os adultos que não lhe proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas – e tantas outras – trilhas para todas as maravilhas que e a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras (p. 163)

¹⁰ Disponível em <http://www.casadopsicologo.com.br/ilanbrenman.pdf>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Afinal, certa dose de otimismo é possível, pois, embora a ficção não tenha o poder de salvar o mundo, ela, pelo menos, o enriquece. Afinal, uma vida feliz se faz de histórias: as que vivemos, as que contamos e as que nos contam.

(Bergman e Bonfadini)

A inquietação que mobilizou esta pesquisa e as reflexões buscadas ao longo deste trabalho partiram da indagação relativa ao verdadeiro sentido de contar histórias, que foi motivado pelo meu trabalho na Biblioteca Pública Infantil professora Maria Martins Rossell e pela participação no projeto de extensão *Vozes ao pampa*, da Unipampa.

A hipótese que se procurou fundamentar apoiou-se na crença de que as narrativas oferecem possibilidades de autoconhecimento, em função de trazerem à tona emoções e vivências que poderão promover o desenvolvimento integral da criança em idade escolar.

Foi intenção deste trabalho resgatar o papel do contador de histórias na figura do professor, que pode representar importante função no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e afetivos de seus alunos, além de formar novos leitores.

Surgidos desde o início dos tempos, os contos apontam comportamentos que aludem à mente humana, sedenta de fantasia e à caça de “bardos” que propagem suas ilusões e desvelem seus sonhos.

Ao ingressar no grupo *Vozes ao Pampa* me apercebi de todas estas questões e me conectei a todas estas indagações. No decorrer desta pesquisa pude avaliar mais concretamente a minha experiência como contadora e vinculá-la à teoria a qual me propus a estudar mais criteriosamente.

Ao longo do trabalho, especialmente apoiada nas obras que foram lidas para a efetivação deste trabalho de conclusão de curso, foi possível constatar o poder transcendental e transcendente que as narrativas orais têm .

Em Gurfreind, Bettelheim e Mário e Diana Corso encontrei apoio no aspecto mais terapêutico das histórias; Giordano, Ritter, Coelho e Cisto, dentre outros, possibilitaram-me a percepção do encantamento na arte milenar de contar e ouvir histórias e seu papel na formação de leitores; em Piaget e Vigotsky revelou-se a importância do papel do contador e da interação aluno/professor na mediação de aspectos afetivos e cognitivos. Com Zilberman foi possível viajar pela história da literatura infantil e nos apercebermos de seus aspectos mais pedagógicos e das mudanças ocorridas no decorrer do último século e no início deste.

Por tudo isto, nossos estudos levam a concluir que o contador de histórias continua oferecendo um elemento de primeira grandeza aos seus ouvintes, que é o poder da palavra, que une pensamento, corpo e sentimento na missão de “en-formar e in-fomar para transformar” (GIORDANO, 2007, P.181), e que o professor tem papel fundamental nesta missão de encaminhar o aluno no mundo das letras e das palavras, pois será ele, muitas vezes, o único contador de história que estas crianças poderão ouvir e a sua sala de aula um lugar onde as crianças não estarão totalmente voltadas para a televisão

Enfim, este trabalho, confirmou-me que a prática da contação de histórias promove um ganho para todos os envolvidos, sejam eles os ouvintes, que serão instigados a libertar sua criatividade, seja o contador, que terá a oportunidade de criar um ambiente saudável, atrativo e motivador para a aprendizagem, sem falar na sociedade, que sairá ganhando ao receber cidadãos mais criativos, cientes do seu papel e capazes de conviver com a diversidade, ”alcançar Pasárgada e lá ser amigo do rei”.

Nutrida pela teoria, pela experiência, pelo acesso à minha memória de criança e pelos depoimentos, noto que finalizo este trabalho mais seduzida do que quando o comecei e ansiando por dedicar-me mais à arte de contar e ouvir histórias.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.
- AGUIAR, V. T. (Org.). 2001. *Era uma vez... na escola Formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ALMEIDA, A. R. S. *Emoção na sala de aula*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- BARRETO, Rosângela Marta Siqueira, *Parâmetros curriculares nacionais V*. Introdução, coleção: 1º e 2º ciclos (1ª a 4ª séries) São Paulo: DP&A, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BITENCOURT, Ricardo Barbosa. *As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/13659/1/as-novas-tecnologias-e-a-contacao-de-historias-em-sala-de-aula-/pagina1.html#ixzz16XLX17tO>>. Acesso em 27 nov. 2010.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2ª. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BORGES, T.M.M. *A Criança em Idade Pré-Escolar*. São Paulo: Ática, 1994.
- BRAGATTO, Paulo Filho. *Pela leitura Literária Na Escola de 1º Grau*. São Paulo: Ática, 1995.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília, DF, 1998.
- BRENNAN, Ilan, *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. São Paulo: Casa do Psicólogo, Livraria e Editora Ltda, 2005. Disponível em: <<http://www.casadopsicologo.com.br/ilanbrennan.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2011.
- BRUNER, J. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BUSATTO, Cléo. *Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis RJ: Vozes, 2003.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil?* 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

_____. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e Cultura*. 24 (9): 803-809, set, 72.

CARVALHO, B.V. *A literatura Infantil: visão histórica e crítica*. São Paulo: Global, 1989.

CASCUDO, Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

COELHO, Betty. *Contar histórias, uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. Nelly Novaes. *Literatura Infantil. Teoria. Análise. Didática*. 6ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein Mário. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

Enciclopédia Mirador Internacional. Vol.13. São Paulo: Melhoramentos, 1975. (p.6.917-6920).

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, Literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina, PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. *Leitura da Literatura na Escola*. In: GUEDES, Paulo (Org). *Ensino de Português e Cidadania*. Porto Alegre: PMPA, SMED, 1999.

FORTUNA, T. R. O fascínio das canções, histórias e desenhos infantis. **Criar**: Revista de educação infantil. São Paulo, ano I, n. 3, p. 20-21, mai/jun.2005.

GALVÃO, I. in *Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil* Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GIORDANO, Alessandra. *Contar Histórias: Um recurso arteterapêutico de transformação e cura*. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

GOMIDE, Rafaela Vale S. *A afetividade e o processo de ensino e aprendizagem*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/1233/1/A-Afetividade-E-O-Processo-De-Ensino-E-Aprendizagem/pagina1.html#ixzz1436v2RJL>>. Acesso em: 01 nov. 2010.

GUTFREIND, Celso. *O Terapeuta e o Lobo: a Utilização do Conto na Psicoterapia da Criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HAMZE, Amélia. *O momento mágico de contar histórias*. Disponível em: <<http://www.educador.brasilecola.com/dtao-educacional/o-momento-magico-decontarhistorias>>. Acesso em: 27 nov. 2010.

KLEIMAN, Angela B. *Introdução. E um início: a pesquisa sobre interação e aprendizagem*. Trabalhos em Lingüística Aplicada, 1991.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 1991.

MACHADO, A. M. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.). *Escolhas Literárias em Jogo*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Literatura e educação)

MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. *Quando a voz ressoa na letras: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura*. Manda el-rei que eu conte outro: literaturas da voz na modernidade. Porto Alegre, vol. 21, n.42, p. 69-84, jan 2007.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MELLON, Nancy. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MOLINA, Olga. *Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo*. São Paulo: E.P.U., 1992

PIAGET, J. *A psicologia da criança*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

_____. *Inconsciente Afetivo e Inconsciente Cognitivo*. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RADINO, Gloria. *Oralidade, um estado de escritura*. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 6,n. 2, 2001. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722001000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 maio 2011.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

SANDRONI, Laura e MACHADO, Luiz Raul. *A criança e o Livro; Guia Prático de Estimulo à Leitura*. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. *Democratizando a Leitura: Pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SISTO, Celso. *A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil*. São Leopoldo: Pro Letramento, 2010.

_____. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001.

THAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VENTURELLI, Paulo. A literatura na escola. *Revista Letras*, n. 39. Curitiba, p. 259-269, 1990.

ZILBERMAN, Regina, Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor. In: *A produção cultural para a criança*. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

_____. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 2003.

ZURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria. *Leitor Formado, Leitor em Formação*. Assis, São Paulo: Cultura Acadêmica; ANEP, 2006.